



Editorial

Esse segundo número de *Dobradiça* inicia com uma reflexão de Liana Velado a respeito dos pontos críticos das atividades de cartéis na ELP e a maneira como essa Escola busca favorecer o trabalho.

Leremos aqui também uma resenha do livro *Manual de Cartéis* na qual Elza Freitas levanta as importantes questões nele tratadas. Esta publicação é um importante orientador para os que trabalham ou desejam trabalhar em cartel. Mas, mais além de tratar de questões importantes da teoria e da prática dos cartéis o que esse boletim testemunha é, sobretudo, da importância do cartel na EBP e das produções e efeitos de formação que decorrem da prática de trabalho nesse dispositivo.

O trabalho de Maria Wilma de Faria trata de sua experiência de ser mais-um de um cartel e dos efeitos de formação decorrentes de ocupar essa função.

Encontramos também duas resenhas de jornadas de cartéis: uma em Minas e outra no Rio. Estas jornadas tiveram convidados que favoreceram um trabalho intenso e rico de questões que muito interessam a nossa comunidade. Os relatos de Cristiana Pittella e de Mirta Zbrun são entusiasmados e nos trazem os ares de discussões vivas. Essas jornadas, estruturadas para acolher os produtos dos cartéis, dão provas, nas palavras de Mirta, de um trabalho de Escola.

Cristina Drummond
Diretora Geral da EBP

Giro do Cartel na AMP

Apresentamos a seguir, nesta rubrica dedicada a questões acerca da atualidade da experiência de cartéis nas Escolas da AMP, resposta enviada por Liana Velado, responsável nacional pelas atividades de cartéis na Escuela Lacaniana de Psicoanálisis (ELP), Espanha, à seguinte questão: *Quais seriam os pontos críticos da atividade de cartéis na sua Escola, hoje?*

O ponto crítico da ELP em relação ao cartel é o quão pouco ele está presente em sua vida, há alguns anos. Há poucos Cartéis e não existem elaborações teóricas recentes sobre o cartel. O trabalho não passa pelo cartel, é feito em sua maioria sob a forma de seminários, conferências e o ensino que os Institutos transmitem.

Existe na ELP um boletim eletrônico, *Cartel Express*, que recolhe as inscrições dos cartéis e as produções dos cartelizantes. Neste ano, foram declarados sete cartéis até o momento. Pela primeira vez na próxima Jornada da ELP haverá uma mesa com trabalhos de cartelizantes e um trabalho produto de uma cartelizante será publicado na revista *El psicoanálisis*.

Há uma pergunta que me faço (dentre outras): por que o declínio do cartel em uma época que está em consonância com sua estrutura? Nossa época é a do desvanecimento da autoridade, do individualismo, da queda do sujeito suposto saber... No cartel trabalha-se em grupo, mas mantendo o traço de cada um, a produção é individual, não há o mestre que sabe, existe um mais-um é certo, mas com uma liderança adelgada¹. Esta e outras perguntas servem à conversa (em cartel) na ELP.

¹J-A. Miller. Novas reflexões sobre o cartel. In: *Manual de cartéis*. EBP-Minas Gerais, Belo Horizonte: Scriptum Editora, 2010.

Textos de Orientação

O *Manual de Cartéis*, EBP-Minas Gerais, publicado pela editora Scriptum, nos traz, além dos artigos já apresentados no número 01 do nosso Boletim, várias outras contribuições interessantes.

Em primeiro lugar, temos a gênese dos cartéis recordada pelo texto “D’écologie”¹, radicalmente interessante e atual de Jacques Lacan. Ele começa com *Delenda est* - o ato de dissolução da Escola e suas motivações para tal. No significante D’écologie, ele já joga com o termo cole, cola, significante que estará presente em sua elaboração de como deverá ser um cartel, e o lança como órgão de base e assim agora o aprimora. A data era 11 de março de 1980. Leiamos, pois, o texto com atenção. A partir da dissolução da Escola diz da dissolução do cartel como via de renovação do pensamento. A seguir, o texto de Guy Briole que, tendo já a Escola em movimento como ponto de partida, nos fala sobre Cartel e Ensino, perguntando-nos: O cartel ensina?, e o que é ensino de cartel. Importante aqui verificarmos a estrutura de um Cartel de Ensino como intimamente ligada à uma Diretoria de Escola onde “essa funciona como mais-um”. Será “um provocador provocado”. Nos encontros para ensino então cada cartelizante funcionará a cada vez como provocador. Diz-nos que é a diversidade que estará em jogo e não um produto acabado.

O texto de Denise Rigueira Rennó Lima e Lázaro Elias Rosa, depois de retomar os pontos essenciais a todo cartel, aborda o importante aspecto da “crise de trabalho”. Lembra-nos que Lacan propõe que venham a “céu aberto” tanto os produtos de cada um quanto as crises de trabalho que podem ser sinal de mudança e não só obstáculo ao andamento.

Finalmente, temos uma entrevista² sobre o cartel fulgurante com Marie-Hélène Brousse. Marie-Hélène pensa que no automaton do cartel: estando-se incluído um prazo máximo de duração de dois anos, o cartel fulgurante seria “uma experiência destinada à preparação de um evento que mobilizaria a estrutura de trabalho do cartel”. Considera adiante que “os objetivos são variados” e “é preciso manter essa leveza no cartel, não se deve normatizá-lo, imobilizá-lo”. Entrevista extremamente rica, merece toda nossa atenção.

Elza Marques Lisboa de Freitas

¹ Lacan, J. *D’Écologie* - Seminário de 11/ 03/ 1980. In: *Ornicar*, Paris, n. 20 e 21, 1980.

² Entrevista realizada por Alessandra Thomas Rocha em São Paulo, setembro 2009.

4+1 = EBP em cartéis

Breve relato de uma experiência em cartel

*Maria Wilma S. de Faria*¹

O instante de começar

Em agosto de 2009, o aceite ao convite de ser “mais-um” de um cartel, se deu de forma

inusitada! Como recusar estar neste lugar, após inúmeras tentativas frustradas, como candidata a cartelizante, de constituir um cartel? Como dizer não a quatro outros colegas se ao longo de meses, discussões em torno de temas, havia recebido quatro “nãos” de possíveis candidatos a mais-um? Frente à surpresa do convite, a pergunta se o dispositivo do cartel estava em crise na Escola se colocou. E mais, algo de um imperativo se presentificou. Não tinha como recuar! Por mais que tentasse afastar o imaginário, e pensasse que tal função não tinha que ser “encarnada” com o saber, não sem angústia, me aventurei a aceitar. O recurso à teoria, de alguma forma trouxe apaziguamento. Marie-Hélène Brousse, em entrevista nomeada “Sobre o Cartel Fulgurante”, nos ensina que há diferentes formas de se definir a função do mais-um, desde o escolher um mestre, até o escolher uma pessoa qualquer, desde que seja êxtimo ao campo da psicanálise (Brousse, 2010). A orientação de que um cartel é um pouco o que queremos fazer dele, e que não há uma única forma de se fazer cartel, serviu como enigma, como propulsor e como “causa”: não precisava tudo saber! Ali, cada um podia entrar com o que tinha, convocado a colocar sua experiência, sua indagação... Além disso, ter a vida do cartel como algo “leve” foi de fundamental importância. Leveza nos encontros sábado à tarde, de 16h30 às 18horas, que depois passaram a acontecer aos sábados pela manhã, e nos últimos tempos, às sextas à tarde. Não ter como pré-requisito seus membros pertencerem à Escola, mas possibilitar que os novos se vissem representados pela inscrição e registro de um cartel da Escola, que se situa na Orientação Lacaniana, foi de fundamental importância. A proposta de estudo visava a psicose e a *XIV Jornada da Seção Minas* intitulada: “Depressão e bipolaridade: transtorno ou dor de existir?” que seria realizada em outubro daquele ano. Um primeiro texto, tenro fruto do trabalho em cartel, foi apresentado nesta Jornada. O tema continuou presente mesmo passada a Jornada. No início de 2010, a nomeação desse mais-um, como membro da EBP e da AMP, re-situou a delicadeza e responsabilidade deste lugar. O desejo à psicanálise, tendo o cartel como local de formação e de base da Escola, ficou ainda mais decidido!

O tema de trabalho e crise

Sabemos que onde há grupo, efeitos imaginários e todas as conseqüências dos mesmos são colhidos. Encontros, desencontros, faltas, mal-entendidos. Zelar por tais efeitos não quer dizer evitá-los ou preveni-los. Guy Briole (2010) aponta a função do mais-um como um agente “provocador - provocado” na tentativa de provocar uma elaboração que é não só de cada membro, mas de se colocar ele próprio em posição de trabalho. A circularidade dos lugares e das posições tais como na estrutura dos discursos se fez presente. Na Jornada de Cartéis, realizada no 1º semestre de 2010, o produto do trabalho de um dos membros foi colocado a céu aberto.

Porém, em meados de 2010, o mal-estar entre dois participantes, manejado no interior do cartel, não impediu a saída de um dos membros e colocou a questão: qual seria o destino do mesmo?

Mais uma vez as palavras de Marie-Hélène Brousse foram lidas, especialmente quando a autora aponta que cada cartel interpreta de forma diferente uma demissão: “... substitui a pessoa, dissolve o conjunto do cartel e fabrica um outro” (2010, p. 56-57). Esse convite à invenção despertou o desejo de continuar sustentando o trabalho, desta vez convidando alguém para recompor o grupo de trabalho. A partir deste momento, foi proposto que só nos reuníssemos quando um tivesse algo para apresentar aos demais. Convite à produção no sentido de vetorizar o conjunto, um a um em direção a um escrito. Este escrito poderia ser da ordem de uma frase, um parágrafo, uma página...

Momento de concluir

Tendo no horizonte o tempo de “descolar”, na provocação de sua dissolução, é chegado o tempo de desaguar o percurso construído por cada um, fiel ao princípio de que o que

está em jogo na constituição de um cartel é a relação de cada um de seus membros com a CAUSA analítica e com a transferência de trabalho à psicanálise.

¹Membro da EBP e da AMP. Participantes do cartel “Clínica da psicose”: Daniene Santos, Fabiana Câmara, Francisco Goyatá e Germana Bonfioli.

Referências

Briole, G. O cartel ensina? In: *Manual de cartéis*, Escola Brasileira de Psicanálise-Minas Gerais. Scriptum, 2010

Brousse, M-H. Sobre o cartel fulgurante. Entrevista com Marie-Hélène Brousse. In: *Manual de cartéis, op. cit.*

Miller, J-A. Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada. In: *Manual de cartéis, op. cit.*

Viganó, C. Sobre o cartel. Entrevista com Carlo Viganó. In: *Manual de cartéis, op. cit.*

Jornadas

XII Jornada de Cartéis da EBP-Delegação Paraná 03 de dezembro de 2011

Informações: ebpparana@gmail.com

Notícias das Jornadas

XVI Jornada de Cartéis da EBP-Minas Gerais

O dispositivo do cartel na Escola

27 de agosto de 2011

A presença simpática e generosa de Ricardo Seldes, convidado internacional da XVI Jornada de Cartéis da EBP-MG, foi marcável, pois ele soube - *enquanto um cartelizante a mais* -, contribuir e animar a discussão ressaltando a *importância do dispositivo dos cartéis e seu objetivo de formação para os cartelizantes*.

Um vivo debate se desenrolou a partir dos trabalhos e da voz de cada cartelizante, e também das contribuições dos coordenadores e do público que participou tomando a palavra.

Vale a pena sublinharmos alguns pontos que nesta Jornada pudemos recolher, para, como bem orientou Ricardo Seldes, *verificarmos os efeitos deste trabalho para nossa Escola*.

Uma rica discussão girou em torno da relação entre psicanálise e universidade, fundamentada por cinco trabalhos de cartelizantes que - como sublinhou Márcia Rosa, coordenadora da primeira mesa - revelavam que estávamos tanto diante de professores e pesquisadores quanto de analistas orientados. Pudemos verificar o quão importante é, para a psicanálise, manter-se no horizonte de nossa contemporaneidade, não conversar somente entre pares.

Outros pontos e questões foram anotados:

- A distinção entre o discurso universitário e a Universidade;
- O que a psicanálise pode ensinar na universidade? e o que a universidade ensina à psicanálise?;
- Como fazer clínica e supervisão nas universidades, sem abrir mão da razão de ser da psicanálise?

A segunda mesa foi composta por quatro cartelizantes cujos trabalhos reuniram-se em torno de um tema, o acontecimento de corpo. Destacamos dois pontos levantados pela

coordenadora da mesa, Elisa Alvarenga, que convida ao trabalho, ainda:

- A dificuldade da colocação em jogo na transferência do sentido e decifração de sintomas enquanto modo de gozo;
- E qual a diferença em uma análise entre o resto (como modo de gozo articulado à $\$ \langle \rangle a$) e o *sinthoma* (como modo de gozo contingente).

Na terceira e última mesa, coordenada por Ondina Machado, atual Diretora de Cartéis de nossa Escola, a EBP, pudemos assistir diversas práticas que - como ela mesma ressaltou -, *ao estarem orientadas pelo sinthoma*, impedem a identificação aos significantes mestres e *possibilitam a veiculação do que há de mais singular*.

O leitor do *Dobradiça* poderá conferir os trabalhos apresentados nesta Jornada junto à Biblioteca da EBP-MG e lá encontrar algumas respostas às questões aqui esboçadas. Trago-lhes apenas alguns restos deste dia de trabalho intenso, produtivo e agradável que ainda podem nos reunir.

Cristiana Pittella de Mattos

Jornada de Cartéis da EBP-Rio de Janeiro

A prática lacaniana no Século XXI

A psicanálise verdadeira, e a falsa.

17 de setembro de 2011

Na época em que nos ocupamos da prática lacaniana no século XXI, o tema da psicanálise verdadeira e falsa proposto para esta jornada de cartéis nos levou a uma rica e verdadeira “elaboração provocada”. Na conferência de Nora Gonçalves, tivemos a oportunidade de acompanhar sua extensa e precisa elaboração dos resultados de sua pesquisa em trabalhos de cartéis. Dentre os quais destacamos o tema da singularidade clínica do sujeito no que diz a sua verdade, a lógica da função $f(x)$ em psicanálise, a temática do sintoma e sua constituição como *sinthoma*, o valor clínico da investigação em psicanálise. A jornada desenvolveu-se num clima de trabalho de cartel, com grande participação do numeroso público presente, e do cartel como porta de entrada na Escola, o que é possível de vivenciar.

Nesse clima de “elaboração provocada”, foram discutidos os textos dos colegas que se debruçaram sobre o instigante lugar e função do *mais-um* de um cartel. A arte de ser *mais-um*, tema da primeira plenária com os trabalhos de Heloisa Caldas, “O cartel e a extimidade”, considerando o *mais-um* como ‘êxtimo’. O cartel um remédio possível para os efeitos de grupo. Elza M. L. de Freitas em a “Arte e *mais-um*”, assinalou que ser tolo é necessário para funcionar como *mais-um*. O debate ficou em torno das diferenças entre ser um líder, um chefe, e ser um *mais-um*. Assinalou-se a escolha do *mais-um* como aquele que sabe ser um *menos-um* (-1), destacando-se a importante diferenciação entre o *mais-um* e o lugar do mestre, na sua função de “agente provocador” que mantém vivo o espírito de produção, no tempo do cartel.

Uma segunda plenária, sobre “A psicanálise verdadeira e, a falsa”, contou com Vera Gaspar e o “Caso Margarida”, com José Alberto Ferreira e “O que diferencia a psicanálise da psicoterapia” e com Rodrigo Nocchi, “Cartel e efeitos de formação na psicanálise verdadeira”. Todos os trabalhos demonstraram como efeitos de formação podem ser alcançados no cartel; ao participar de um cartel eles logram se dirigir a Escola e reorientar suas análises. Estas falas fizeram surgir depoimentos dos participantes da jornada gerando um “verdadeiro clima de cartel”. A discussão girou em torno da questão crucial: querer e precisar do trabalho do cartel como parte da formação permanente do

analista.

A temática do cartel e o efeito de formação ocupou também a terceira plenária com Claudia Henschel, “Da toxicomania à toxidade da pulsão”, com Adriana Lipiani, “Toxicomanias no avesso do discurso do mestre”. Trabalhos de um mesmo cartel que evidenciaram o lugar que cada um encontra para sua produção. Por fim Roberta D’Assunção e Mariana Mollica, “As invenções do analista nos hospitais públicos em tempos de modernidade irônica com os casos de João e caso Tábata”, demonstraram até onde pode chegar o trabalho de cartel. Nos dois casos foram trazidos questões da clínica e impasses no tratamento de pacientes internados na rede hospitalar da cidade, debatidas e estudadas no cartel que os acolhe.

Todos os trabalhos desta jornada deram conta da riqueza e da produtividade, assim como dos impasses da experiência de cartel, no desafio de obter uma “elaboração provocada”.

A comunidade analítica que formamos deu provas de um trabalho de Escola.

Mirta Zbrun
Comissão Científica da Jornada

Dobradiça - Boletim Eletrônico dos Cartéis da EBP. Ano I. Número 02. Novembro 2011

Comissão Editorial: Ondina Machado (Diretora Secretária da EBP), Cristiana Pittella de Mattos, Elza Freitas, Heloisa Prado R. S. Telles, Marcia Zucchi, Paola Salinas.

4+1=EBP em cartéis: Responsabilidade das Diretorias de Intercâmbio e Cartéis das Seções e Responsáveis pelos Cartéis nas Delegações. Neste número, contamos com a colaboração da Diretoria de Intercâmbio e Cartéis da EBP-Minas Gerais.

Giro do cartel na AMP: texto traduzidos por Paola Salinas, com revisão de Marcia Zucchi

Imagem: *Um Cartel*, Gisèle Gonin, óleo sobre tela, 0,70 m x 1.40 m, 2011

Contato Comissão Editorial: helotelles@uol.com.br